



## O ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM SALA DE AULA COMO ALTERNATIVA PARA REFLEXÃO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Elaine Vitória de Freitas Lima <sup>1</sup>  
Regina Cely Marcelino Pinto<sup>2</sup>  
Débora Maria Cardoso de Oliveira<sup>3</sup>  
José Josivan Alves Moura<sup>4</sup>  
Lucineide da Silva Carneiro <sup>5</sup>

Nota-se que a linguagem atua como um emaranhado de significados com intuito de comunicação entre sujeitos. Nesse viés, a linguagem é o principal meio interacional que transmite informações, tanto pela forma da escrita, quanto pela forma da fala, expressões essas que promovem a realização dos nossos pensamentos sobre determinada circunstância.

Consequentemente, esse trabalho surge da necessidade de reflexão sobre os diversos tipos de variedades linguísticas, porquanto, desde muito cedo os indivíduos já possuem o contato com essas distinções, e devem ser conscientizados para não ocorrer o preconceito linguístico, como afirma a autora Araújo (2014):

“Somos conscientes de que a norma padrão deve ser apresentada aos nossos alunos, porém não partindo do princípio de que só a partir de sua entrada na escola é que o indivíduo passará a sua língua, e sim considerando que ele já a conhece, pois faz uso dela em seu meio para se comunicar”. (ARAÚJO, 2014 p. 11)

Em virtude disso, vale destacar que é na fase da adolescência, especialmente nos anos finais do ensino fundamental, que o processo de interação comunicativo é bastante vivenciado e amplo, sendo assim, as diversidades de variações linguísticas são trazidas pelos alunos e

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, [elainefreitas@alu.uern.br](mailto:elainefreitas@alu.uern.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, *campus* Pau dos Ferros, [reginacely@alu.uern.br](mailto:reginacely@alu.uern.br) ;

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, *campus* Pau dos Ferros, [deboracardoso@alu.uern.br](mailto:deboracardoso@alu.uern.br) ;

<sup>4</sup> Graduado do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, *campus* Pau dos Ferros, [josivanjose214@gmail.com](mailto:josivanjose214@gmail.com);

<sup>5</sup> Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e professora na mesma instituição, além de docente orientadora do Programa Residência Pedagógica – PRP, Subprojeto Língua Portuguesa – CAPF/UERN, [lucineidecarneiro@uern.br](mailto:lucineidecarneiro@uern.br).



alunas, a partir de cada vivência particular em que eles possuem. Deste modo, as variedades linguísticas precisam ser compreendidas e respeitadas.

Nesse viés, a iniciativa do estudo das variações linguísticas se deu pela necessidade de conscientizar os alunos dos anos finais do ensino fundamental acerca do preconceito linguístico, tendo em vista, que este se classifica como uma forma de discriminar a maneira como o outro fala e se expressa, resultando em uma concepção comparativa que automaticamente é feita em relação a um modelo idealizado da língua padrão. No entanto, vale salientar que todo indivíduo já chega na escola com uma bagagem cognitiva e cultural rica que permite uma enorme contribuição para aspectos sociais, devido às experiências no processo de vivência pessoal, e nessa condição, as noções de conscientização precisam ser compreendidas e desenvolvidas. Conseqüentemente, nota-se também que o preconceito linguístico, enquanto temática, é pouco trabalhado nas escolas, e é comum perceber que é justo durante os anos finais do ensino fundamental situações de indiferenças em relação a fala, termos, gírias, assim sendo, BAGNO (2014) relata:

“O termo *variação* se aplica a uma característica das línguas humanas que faz parte de sua própria natureza: a *heterogeneidade*. A palavra *língua* nos dá uma ilusão de uniformidade, de homogeneidade, que não corresponde aos fatos. Quando nos referimos ao *português*, ao *francês*, ao *chinês*, ao *árabe* etc., usamos um rótulo único para designar uma multiplicidade de modos de falar decorrente da multiplicidade das sociedades e das culturas em que as línguas são faladas. Cada um desses modos de falar recebe o nome de *variedade linguística*.” (BAGNO, 2014 s/p)

Dada a necessidade premente de que a variedade linguística consiste em uma parte significativa da língua, esse trabalho reflete sobre como o preconceito linguístico se dá por meio de termos regionais e sociais dentro do âmbito escolar.

Para tanto, foi realizada uma oficina online, via Google Meet, intitulada: “Variações Linguísticas”, ministradas por residentes do Programa Residência Pedagógica – PRP, Subprojeto Língua Portuguesa, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros – CAPF, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Assim, a oficina foi direcionada aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental – anos finais, da Escola Estadual Teófilo Rêgo, na cidade de Pau dos Ferros – RN.

Inicialmente, de maneira dinâmica, foi introduzido um diálogo espontâneo pelas mediadoras da aula, sobre as diversas formas de falar a palavra “tangerina”, tendo o intuito de instigar o interesse e atenção dos alunos acerca da temática trabalhada, além disso, pediu-se para alguém da turma ler em voz alta uma tirinha da personagem Chico Bento da turma da

Mônica, nesta parte deu-se o preconceito linguístico entre os alunos durante a aula de variações linguísticas.

Nessa concepção, uma aluna X se dispôs a ler a tirinha que se tratava da temática da aula, tendo em vista que a tirinha possuía uma linguagem mais informal e com marcas de oralidade da personagem. Ao fazer a leitura, um outro colega a interrompeu fazendo o uso de risadas devido a pronúncia das palavras lidas pela aluna. Logo, ao pronunciar a palavra “trabaiio”, de acordo com a forma que estava escrita na tirinha, um outro colega riu achando que é porque ela estava falando “errado”, e não compreendeu que fazia parte do assunto da aula e era a maneira conhecida que as personagens da tirinha falavam, e a aluna ficou constrangida. Avaliando a situação, as professoras fizeram a explicação em relação a circunstância, evidenciando a importância do respeito sobre o que foi mencionado.

Sendo assim, foi explicado, com cautela, que é necessário entender que cada pessoa possui seu jeito de falar, foi compreendido que o ocorrido se deu pela ausência de incentivo da importância que se deve ter em relação às práticas de diversidades linguísticas no contexto social, tanto no âmbito escolar quanto em casa. Levando em consideração que mesmo havendo uma pronúncia de termos sendo eles não comuns, eles ainda não são considerados errados, pois havendo entendimento e comunicação entre indivíduos ainda assim é considerado interação sociocomunicativa.

Em virtude disso, o preconceito linguístico deve ser introduzido no âmbito escolar como uma necessidade que conscientize sobre a temática quando se introduz no contexto social. Além disso, evitar situações de desconforto entre as pessoas que enfrentam, posto isto, a maioria das vezes o preconceito linguístico acontece de forma “inconsciente” por falta de um conhecimento aprofundado sobre a temática. Deve-se promover estudos e abrir espaços sobre a importância das variações linguísticas no meio social, que faculte a nomeação das diversas formas de se expressar na nossa língua.

Dessa maneira, ao levar a questão do respeito linguístico durante a aula ministrada, foi possível perceber que os alunos perceberam que a variação linguística possui grande importância no quadro social e acadêmico de modo geral, e refletiram mediante o que havia acontecido, com o intuito de saber mais sobre o lugar de cada variação linguística que está presente em nosso meio social, possibilitando assim uma atenção maior nas atribuições de conhecimento e desenvolvimento sociocomunicativo.

À vista disso, vale salientar que os professores que norteiam essas práticas também aprendem mais com elas e compreendem que cada aluno já possui sua própria bagagem cognitiva de linguagem e saberes, como efeito de assimilar o lugar de cada um, validando o

conhecimento benéfico na nossa área de atuação, como afirma (FREIRE, 2000): "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." (FREIRE,200). É necessário entender e validar que a educação é a base do desenvolvimento social e o respeito à diversidade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Jose Oliveira. **A variação linguística em sala de aula:** uma proposta de intervenção reflexiva sobre o preconceito linguístico. 2014. 70 f Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

BAGNO, M. **A língua de Eulália:** novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire.  
- São Paulo: Editora UNESP, 2000.